



“Nunca trabalhei um dia na minha vida”

Aos 85 anos, o lendário cantor Tony Bennett tem um novo disco. São 17 duetos, com cantores tão improváveis como Lady Gaga ou Amy Winehouse



ANDY SHEPPARD/REDFERNS

É considerado por muitos o maior artista vivo. O seu último disco chegou a nº 1 da “Billboard”, nos EUA, facto inédito num músico desta idade. Aos 85 anos, o norte-americano já fez tudo o que havia para fazer. Ou não?

Este último álbum tem um casting de estrelas muito heterogéneo. Mistura Norah Jones, Ale-

INCANSÁVEL

O CANTOR DURANTE A ATUAÇÃO DO PASSADO DIA 3, NO PALLADIUM, EM LONDRES. BENNETT CONSIDERA A FALECIDA AMY WINEHOUSE A MELHOR ARTISTA DESDE ELVIS PRESLEY

jandro Sanz e Lady Gaga, por exemplo. Qual foi o critério da escolha? Na verdade, quem escolheu foi o meu filho, que é meu *manager* há 45 anos. E resultou de maneira muito interessante, porque foram todos muito profissionais. Descobri, sobre estes artistas, que saíram todos de diferentes escolas de música, que tiveram um ótimo treino. A Lady Gaga, por exemplo, agradeceu a todos os elementos em estúdio por acreditarem nela e serem tão bons para ela... Toda a experiência foi maravilhosa.

Quanto tempo demorou a fazer? O álbum tem 17 canções... Isso foi outra particularidade engraçada deste disco. Demorou três meses a gravar, o que é imenso para mim. Normalmente, faço um disco em três dias. E fui eu quem foi ter com eles... Estive com o Andrea Bocelli em casa dele, em Pisa. Ele deu-nos de comer. Fez uma pasta ótima. Depois fomos ter com a Amy Winehouse a Londres, a seguir gravámos com Lady Gaga em Nova Iorque, com K.D. Lang na Califórnia...

O dueto com Amy Winehouse [‘Body and Soul’] fica tristemente para a posteridade, porque foi a última gravação dela. Esta-va à espera do que aconteceu? Fiquei chocado. Quando estive com ela, em Londres, lembro-me de ter querido falar com ela e dizer-lhe que na minha juventude também tive os meus problemas com droga. E que ela tinha de parar. Mas perdi a oportunidade...

Que tipo de pessoa era ela? Desde o Elvis Presley, foi a melhor artista contemporânea. Uma ótima cantora.

Com uma discografia de mais de 100 álbuns, mais de 50 milhões de discos vendidos, 14 Grammys ganhos, o que ainda sente que tem de fazer? “És tão

bom quanto o teu próximo álbum, o teu próximo espetáculo o forem”, foi o que aprendi. Acabei de dar um espetáculo em Nova Iorque, na Metropolitan Opera House, e foi ótimo — as pessoas levantavam-se no fim de cada música... Mas é sempre a próxima coisa que importa. A verdade é que nunca trabalhei um dia na minha vida. Faço as duas coisas que adoro: cantar e pintar.

Pinta todos os dias? Todos. Onde quer que esteja, mas principalmente em casa. Neste momento, tenho quadros em três museus dos EUA. É muito gratificante.

O que encontra na pintura que não lhe dá a música? São as mesmas regras... Rimas, cores, formas, equilíbrio... Saber o que deixar de fora.

Onde vai buscar imaginação para pensar em novos projetos? Há sempre muito para aprender. Quando se ouvem alguns mestres, com um grau de qualidade tão elevado, percebe-se isso. Ainda tenho um longo caminho a percorrer.

Há alguma coisa que tenha medo de não conseguir fazer? Boa pergunta... Já tenho 85 anos. Gostava de ter mais tempo...

Como é um dia perfeito para si? Acordar de manhã e sentir-me apaixonado pela vida. A vida é mesmo um presente. Dou graças por ter saúde. Quer esteja a nevar ou a chover, adoro estar vivo.

Se pudesse improvisar agora comigo durante uns instantes, que tema escolheria? Provavelmente responderia a qualquer pergunta que me fizesse...

Posso desafia-lo para cantar? Só se me pagar... [risos] Não, estou a brincar... [E canta:] “When I come home to you, San Francisco, your golden sun will shine for me...” [de ‘I Left My Heart in San Francisco’] ■

KATYA DELIMBEUF